

## DAS FALAS ÀS PAISAGENS: Traduzindo o Rural de Pinheiro Machado – RS

<http://dx.doi.org/10.21527/2237-6453.2021.55.9272>

Recebido em: 26/7/2019

Aceito em: 13/4/2021

Cecília Tayse Muniz Teixeira<sup>1</sup>, Amábile Tolio Boessio<sup>2</sup>,  
Marco Antônio Verardi Fialho<sup>2</sup>

### RESUMO

No presente artigo objetivou-se realizar interpretações a respeito das relações entre a paisagem do rural e os discursos que membros de duas famílias relatam sobre esse rural, bem como compreender a relação de pertencimento, percebida por meio das falas, que se tem com o lugar onde vivem e trabalham. O aporte, tanto teórico quanto metodológico, teve base nas ciências sociais, em especial na antropologia. Foram realizadas entrevistas em duas famílias, uma no 1º e outra no 3º Distritos de Pinheiro Machado, que se tratam de áreas imersas na zona sul do Estado do Rio Grande do Sul. Utilizou-se como técnica de coleta de dados a observação e entrevistas guiadas por um roteiro previamente estabelecido. Como reflexão, tem-se que em ambos os relatos, nos dois distritos, foram ilustrativas para compreensão das relações que são construídas no lugar em que vivem e trabalham, bem como a relação de pertencimento que se tem arraigado com seu passado de vida.

**Palavras-chave:** Rural. Paisagem. Discurso. Pertencimento

### FROM TALKS TO LANDSCAPES: TRANSLATING RURAL DE PINHEIRO MACHADO – RS

### ABSTRACT

In the present article, the objective was to make interpretations about the relationship between the rural landscape and the discourse that the families report on this rural, as well as to understand the relation of belonging that the families have with the place where they live and work. The contribution both theoretical and methodological was based in the social sciences, especially in anthropology. Interviews were carried out with two families, one in the 1st and the other in the 3rd Districts of Pinheiro Machado, which deal with areas immersed in the southern part of the state of Rio Grande do Sul. Data collection, observation and interviews Guided by a previously established script. As a reflection, the two families studied in the two districts were illustrative in understanding the relationships that are built in the place where they live and work, as well as the relationship of belonging that has been rooted in their past life.

**Keywords:** Rural. Landscape. Speech. Belonging

<sup>1</sup> Autora correspondente. Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Av. Roraima, nº 1000 – Cidade Universitária, Bairro Camobi. Santa Maria/RS, Brasil. CEP 97105-900. <http://lattes.cnpq.br/3028827712204284>. taysemuniz@hotmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Santa Maria/RS, Brasil.

## INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é interpretar as relações entre as paisagens e os discursos relatados por membros de duas famílias pecuaristas residentes em dois distritos distintos da zona rural do município de Pinheiro Machado – RS –, e, com isso, compreender sobre o sentimento de pertença destas ao lugar, por meio da análise do comportamento, do discurso e das suas devidas interpretações com o espaço rural.

Partimos, neste ensaio, da premissa de que as relações sociais, por mais vinculadas ao mundo econômico que estejam, perpassam, se moldam e se originam a partir das relações interpessoais, do contato com o outro e entre os seus. Os sentimentos, valores, hábitos, costumes e a forma de ver e fazer o mundo são resultados do que se viveu e da soma de experiências e culturas de um povo, tribo, grupo social e dos próprios indivíduos. Neste sentido, os lugares não têm somente uma forma e uma cor, uma racionalidade funcional e econômica; estão carregados de sentido para aqueles que os habitam ou que os frequentam em cada espaço e modo de vida (CLAVAL, 1999).

Não tão diferentemente, é também no espaço rural que o conjunto das ações se expressa no comportamento; é visto como ação simbólica, semelhante à fonação na fala, o pigmento na pintura, a linha na escrita e até mesmo a ressonância na música. Segundo Geertz (2004), todos esses elementos são ações que apresentam significados; assim, compõem a cultura de um povo, de um lugar, e consistem, de forma geral, em estruturas de significados socialmente estabelecidas, nos termos das quais as pessoas fazem certas coisas como sinais de conspiração e se aliam ou percebem os insultos, respondendo a eles.

Com efeito, cada grupo social apresenta suas especificidades baseadas em seus costumes, e esses costumes realizam e formulam algo:

Não são formulações abstratas dos significados nem a busca de significados, embora possam transmitir um significado. Os costumes estão claramente associados e arraigados às realidades materiais e sociais da vida e do trabalho, embora não derivem simplesmente dessas realidades, nem as reexpressem. Os costumes podem fornecer o contexto em que as pessoas talvez façam o que seria mais difícil de fazer de modo direito [...], eles podem preservar a necessidade de ação coletiva, do ajuste coletivo de interesses, da expressão coletiva de sentimentos e emoções dentro do terreno e domínio dos que deles co-participam, servindo como uma fronteira para excluir os forasteiros (THOMPSON, 1998).

Os costumes é que dão identidade às classes sociais, que caracterizam cada grupo, e/ou, neste caso, das comunidades rurais. Thompson (1998) ainda afirma que os costumes são práticas vivas adotadas pelos camponeses, apresentados como ações antigas e constantemente repensadas, pois fazem parte da realidade. Os costumes são a arena na qual os camponeses agem no cotidiano.

Já Wundt, citado por Ginsberg (1966), define o costume como uma forma de ação voluntária que se desenvolveu numa determinada comunidade, seja ela nacional ou tribal. Dessa maneira, o costume assemelha-se, sob certos aspectos, ao hábito; isto é, o costume é o hábito seguido não por um indivíduo, mas pela maioria da comunidade. Ele, porém, não se identifica de forma alguma com o hábito, ou seja, o costume, em outras palavras, é o uso aprovado, são fenômenos sociológicos e fenômenos de vida. No conjunto de ações dos hábitos e costumes, então, se constitui a cultura, e, posteriormente, se constrói a realidade daquele povo representado nas suas práticas coletivas e em uma linguagem psicológica (MAUSS, 2003).

Por sua vez, a construção da realidade é produzida pelos próprios indivíduos locais. Bourdieu (1996) reconhece que os agentes constroem a realidade social entrando em lutas e transações voltadas a impor suas visões, isto é, imposições de pontos de vista, interesses e princípios, determinados pela posição que eles ocupam em um mundo que eles mesmos tentam transformar ou preservar. A partir dessas mudanças, as ações vão modelando a paisagem do lugar pelo modo de vida e os valores intrínsecos que se sustentam.

Neste sentido, a construção do lugar, a paisagem de um lugar e a estruturação de todo o meio, dependem muito da cultura das pessoas que a percebem e a constroem, e depende, também, dos hábitos e costumes ali vividos. A paisagem e os olhares tornam-se, assim, um produto cultural resultante do meio ambiente sob ação da atividade humana que se desenvolve ao longo do tempo.

De acordo com Schier (2003), o aspecto cultural tem desempenhado um papel importante na determinação do comportamento das pessoas em relação ao ambiente. Desta forma, a transformação da paisagem pelos seus habitantes representa um dos elementos principais na sua formação. A paisagem é um símbolo que necessita de permanente atualização; como instrumento de apreensão do espaço pela geografia, ela representa uma rica tradição e, também, profundas querelas. É possível discutir como a abordagem cultural pode contemplar a paisagem tanto como uma leitura subjetiva de mundo quanto uma realidade que tem existência concreta. Neste trabalho considera-se a paisagem enquanto parte do processo discursivo de ordenamento da imagem do mundo a partir do ambiente próximo, concreto e apreensível pelos sentidos humanos, mediante estruturas mentais correntes no universo sociocultural das comunidades rurais de cada distrito pesquisado.

É importante ressaltar que neste debate tornou-se importante desvendar como o imaginário da natureza é decodificado em valores simbólicos economicamente materializados, pois as práticas espaciais da humanidade não podem ser vistas como meramente racionais e, sim, em seu conjunto.

Adentrar nas representações é compreender o espaço tanto por meio dos processos visíveis quanto dos aspectos míticos dos lugares, e a paisagem pode ser fundamental nesta conexão obrigatória entre pensamento e imagem do lugar, permitindo, assim, uma observação mais profunda para além do campo objetivo (MACIEL, 2001). Para Lefebvre (1976), o espaço constitui-se como uma abstração concreta que é, simultaneamente, produto das ações sociais e estruturantes das mesmas. É, ao mesmo tempo, uma realização material do trabalho humano e produto das relações sociais de produção. O espaço é uma produção humana resultante das relações sociais da relação e das pessoas com a natureza. Nas suas discussões, Lefebvre analisa o espaço como um produto histórico-social, resultado das ações humanas no marco do modo de produção capitalista. Dessa forma, o lugar pode ser compreendido como uma construção social, fundamentado nas relações espaciais diretas, no cotidiano e na articulação entre a cooperação e o conflito existentes em cada comunidade ou grupo social.

Santos (2005) infere que, atualmente, mais importante que a consciência do lugar é a consciência do mundo, obtida por intermédio do lugar. Por sua vez, Moreira (2007) afirma que a compreensão do lugar passa pelo caminho de considerá-lo não como uma soma de objetos, mas como um sistema de relações (subjetivo-objetivo, aparência-essência, mediato-imediato, real e simbólico). Com efeito, o lugar como conceito espacial de análise ganha relevância no

período contemporâneo, não como mero instrumento de localização ou uma base física, mas como uma construção socioespacial, construída nas relações entre os indivíduos e a base territorial em que se vive e se reproduz socialmente.

Diante dessa premissa torna-se importante vincular o lugar ao rural, justamente porque no campo a unidade produtiva e a unidade familiar são, na maioria das vezes, interligadas. Nos casos aqui relatados, que apresentam a dimensão do lar, da casa domiciliar como o lugar da sociabilidade da família e a dimensão da unidade de produção como local das estratégias de reprodução socioeconômica, denota-se a indissociabilidade do local de moradia e o local de trabalho.

Com efeito, em toda essa ligação do rural como moradia e como espaço de trabalho, alimenta-se um sentimento de aconchego ao lugar, pois é ali que tudo acontece. Não há uma separação entre o que é somente trabalho e o que é espaço de vida. Para Santos (1996), o sentimento de pertencimento a um determinado lugar constrói uma introspecção de valores que condiciona o modo de vida dos indivíduos.

O lugar é considerado a base da vida cotidiana e da sociabilidade entre as pessoas. O sentimento de pertencimento ao lugar está relacionado ao trabalho, às formas de solidariedade, às atividades lúdicas, religiosas, às relações de parentesco e vizinhança e à perspectiva dos filhos em continuar na propriedade e na agricultura (MOREIRA, 2007). Dessa forma, buscamos fazer interpretações a respeito das relações entre a paisagem, o rural e o discurso que membros das famílias relatam sobre esse rural, bem como compreender a relação de pertencimento que as famílias têm com o lugar onde vivem e trabalham.

## PERCURSO METODOLÓGICO

No presente artigo, ao propormos interpretar relações presentes entre as paisagens e os discursos dos sujeitos pertencentes ao mundo rural, necessitamos de um aporte metodológico com base nas ciências sociais, em especial na antropologia. De acordo com Geertz (1998), o trabalho de pesquisa de cunho antropológico tem duas etapas básicas: estar em campo, observando, sentindo, vivendo e dialogando com a realidade do objeto de estudo ou campo; e o estar aqui, isto é, o trabalho munido das anotações e memórias, redigindo, a partir destas realidades e a dos estudos dos pares na arte das ciências humanas e sociais, o texto que “descreve” e interpreta o estar lá.

Nesse tipo de pesquisa, quando o pesquisador está em campo, a sensibilidade e a intuição deste é de suma importância para que se consiga ter o entendimento da cultura do outro. É necessário que se encontre uma “chave” para dialogar com esta outra cultura e, a partir daí, construir interpretativamente o texto da cultura estudada. No caso da obra *A interpretação das culturas*, Geertz (1998) mostra que esta chave aconteceu acidentalmente e que, a partir daí, foi possível realizar a pesquisa, participando de momentos nos quais, se a “tribo” não tivesse confiança no pesquisador, não haveria como acontecer.

No caso interpretativo que aqui apresentamos, é importante mencionarmos que a relação de confiança estabelecida com os sujeitos do trabalho de campo foi determinada por meio dessas “chaves” a que Geertz se refere. No momento em que chegávamos nas propriedades rurais logo percebia-se alguma “porta de entrada” em assuntos que fossem do cotidiano e da “lida” desses sujeitos, facilitando, assim, a abertura para diálogos e a oportunidade de estabelecer laços.

Ao adentrar na especificidade pesquisador/a e pesquisado/a, um ponto crucial é o fato de que ambos possuem a mesma natureza. O pesquisador tem a sua própria cultura. Ao estudar uma determinada cultura e ao realizar sua interpretação não consegue se separar de certas convicções já preexistentes em si. Assim, o texto final certamente vai ser apresentado na interpretação de uma ótica específica e que não se separa da biografia do autor.

Nesse aspecto, o exercício de distanciamento e o esforço em conhecer o outro a partir da lente do próprio sujeito a ser pesquisado, exigiu um olhar despretenso de nossas formações, pois a realidade em que estávamos imersas era, até então, desconhecida para um de nós e muito próxima para a outra autora e o autor. Fizemos, então, um esforço conjunto em permitir um ambiente em que os “donos” das vozes que aqui estarão presentes pudessem se sentir à vontade para traduzir seus sentimentos em falas, gestos e apontando imagens.

Ainda sobre a pesquisa de cunho antropológico, Geertz (2004) afirma que segundo os/as pesquisadores/as, ainda que atravessem os muros das academias para que encontrem seus objetos de investigação, o texto que será produzido, os relatórios que apresentam os resultados de sua investigação, são escritos dentro desses muros acadêmicos. “Em si, o Estar Lá é uma experiência de cartão postal. Mas é o Estar Aqui, como um estudioso entre estudiosos, que faz com que o texto antropológico de alguém seja lido, publicado, criticado, citado e ensinado” (GEERTZ, 2004, p. 170).

Tem pouco tempo que o mundo que os antropólogos estudavam era um mundo primitivo e desconhecido. Hoje o mundo é globalizado, e a diferença entre a cultura do antropólogo e a do seu “objeto” tem sido cada vez mais sutil. Ou seja, nesse momento de uma antropologia que passa por mudanças, entra-se em uma linha tênue entre os autores clássicos da antropologia e a atual realidade (GEERTZ, 2004).

Assim sendo, para trabalhar com objetividade foi apresentado o tema da pesquisa para que o membro da família que nos recebeu pudesse discorrer à vontade sobre o histórico do seu lugar de vida. Decidimos utilizar os relatos históricos, pois o uso desse recurso dá a dimensão que explica os aspectos da realidade observados em um dado momento, e cuja ausência pode comprometer as interpretações. A história ocupa-se, em si, do que foi documentado, e a documentação refere-se, geralmente, à vida das camadas dominantes da sociedade, por isso nos valem do recurso das entrevistas e registros, por meio de discurso de pessoas mais idosas que residem e viveram por longos anos no local pesquisado.

Quanto à localização dos dois distritos – o 1º e 3º Distritos de Pinheiro Machado –, estes estão imersos na zona sul do Estado do Rio Grande do Sul, cujo desenvolvimento histórico é conhecido por sua colonização fortemente marcada por guerras e disputa de terras, bem como seu cenário é, até hoje, composto por marcas culturais vinculadas às lidas “campeiras”. Não sem razão, Cândido (2001) afirma a importância de situar o lugar. Assim, tentamos esboçar um panorama de memórias passadas daquela cultura com entrevistas abertas, com o intuito de atender à finalidade de explorar mais o lugar e a forma de vida das famílias.

Durante a pesquisa de campo foram percorridos ambos os distritos com o intuito de conhecer a dinâmica histórica e produtiva do local; seguindo nas estradas, parávamos em cada porteira e adentrávamos as propriedades, iniciando um diálogo que pudesse nos abrir portas para satisfazer nossas necessidades de informações. Conversas informais com moradores e trabalhadores foram estabelecidas e, posteriormente, foram realizadas 9 enquetes que compõem o todo da pesquisa em si. No caso deste ensaio, trazemos um caso de cada distrito, escolhidos por serem típicos da pecuária familiar.

Há que se mencionar que as entrevistas que dão corpo ao texto que aqui se apresenta foram realizadas com dois pecuaristas familiares, ambos homens, e suas falas dizem respeito às suas memórias partilhadas. A região sul do Estado do Rio Grande do Sul é caracterizada por forte demarcação de gênero, sendo a pecuária, em especial nos tempos mais remotos, uma atividade quase que exclusivamente exercida por homens. Outro ponto em relação ao fato de os homens estarem na centralidade do discurso, neste artigo, é que uma das propriedades foi passada de geração em geração por sua família. Já na segunda família que aqui é representada no discurso do patriarca, temos a participação de sua esposa, e, inclusive, esta, vez ou outra, participava do diálogo.

Nos dois casos aqui analisados foram realizadas entrevistas com um roteiro previamente estabelecido, porém deixamos que as conversas fossem fluindo conforme as histórias fossem ditas pelos sujeitos pesquisados. Primeiramente dávamos entrada em assunto vinculado ao histórico do local e, logo em seguida, os mesmos adentravam o assunto de sua ligação com a propriedade e descreviam com emoção suas memórias e sentimentos em relação ao trabalho e ao modo de vida e produção no qual sempre viveram, com carinho e dedicação.

## BREVE HISTÓRICO DO UNIVERSO INVESTIGATIVO

O Rio Grande do Sul integrou-se tardiamente ao restante do Brasil colonial. Foi descoberto no início do séc. XVI, a partir de expedições litorâneas de exploração e comércio de pau-brasil, típicas da fase pré-colonizadora, que chegaram até o litoral do extremo sul do Brasil. Destas viagens, resultaram registros e descrições da costa gaúcha, assim como a generalização do nome “Rio Grande de São Pedro” para toda a área. Entretanto, a região permaneceu inexplorada por mais de um século, enquanto que no restante da América portuguesa se desenvolviam os engenhos de açúcar. Desvinculado da agricultura colonial de exportação diretamente integrada ao mercado internacional, o Rio Grande do Sul carecia de sentido no contexto do processo de acumulação primitiva de capitais que se verificava nos quadros do Antigo Sistema Colonial (PESAVENTO, 1985 *apud* CORONEL; ALVES; SILVA, 2007, p. 29).

De acordo com Albuquerque (2011), o pampa gaúcho passa a ser ocupado mais efetivamente em meados do século 18, quando aumenta o número das fazendas de criação de gado na região. Inicialmente estas dedicavam-se apenas à extração do couro. Nesse cenário de “apropriação privada dos campos meridionais brasileiros”, o tráfico negreiro bem como a desapropriação territorial dos povos indígenas locais passaram a ser estimulados. A partir de 1780, com o aval da Coroa, é iniciada uma redistribuição das terras, coincidindo com o desenvolver das charqueadas na região, que forçava a concentração de terras pela elite pecuarista (militarizada e armada). Com esse contexto tem-se a formação da mão de obra das fazendas do sul do Estado do Rio Grande do Sul, composta por caboclos, negros cativos e índios.

Como exposto por Monastério (2002), citado por Albuquerque (2011):

A pressão política das elites campeiras meridionais era maior nos momentos mais agudos das diversas “crises da pecuária”, quando a taxa de lucro da atividade pecuarista recuava de seus patamares históricos. Esta foi a causa estrutural das revoltas políticas ocorridas no Rio Grande do Sul, e que reverberavam além dos limites estaduais, como Revolução Farroupilha (1835), Revolução Federalista (1893) e Revolução Liberal (1923), onde se matava gente quase quanto gado. Eventos que foram revolucionários apenas no nome, pois deixavam intocada a estrutura fundiária e baseavam suas reivindicações no protecionismo

ou no uso de fundos públicos, como na Farroupilha quando os charqueadores pampeanos obtiveram do poder imperial uma proteção tarifária contra a produção platina, ou na Federalista quando as taxas de importação para o produto concorrente foram outra vez ampliadas.

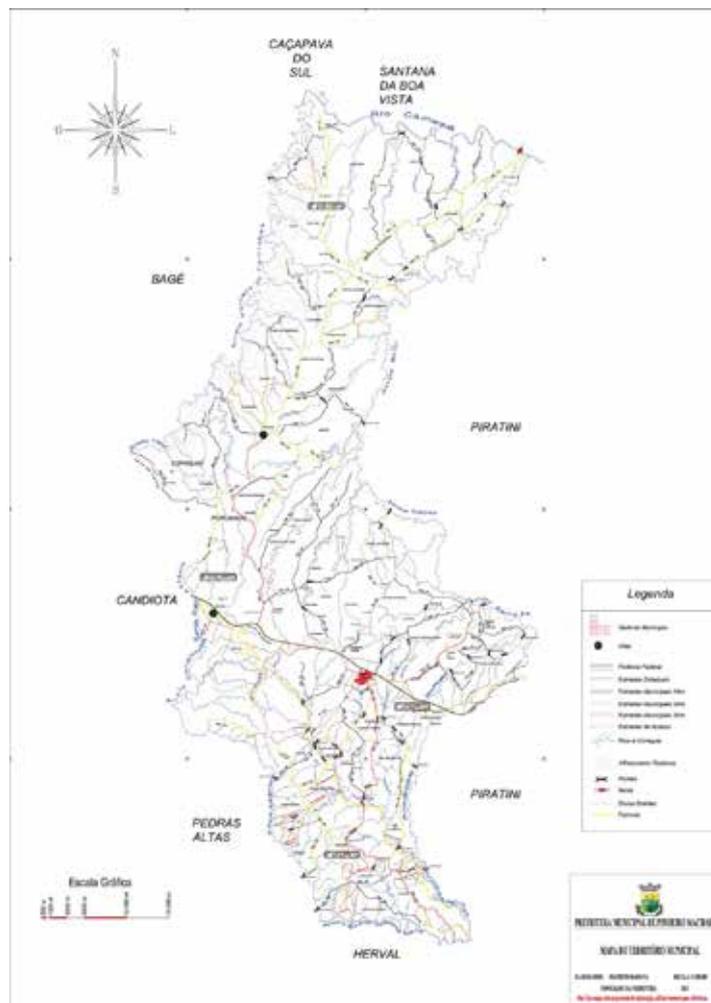
Esse processo histórico, por sua vez, acarretou em cicatrizes profundas na metade sul do Estado, ocasionando a situação econômica em que hoje a mesma se encontra. Segundo Coronel, Alves e Silva (2007), a metade sul do Estado do Rio Grande do Sul teve como importante característica apresentar centros urbanos distantes uns dos outros e ainda sem relações comerciais entre eles. Sua população era essencialmente rural e a sua economia baseada na produção do charque, na criação de muare e na lavoura de arroz. O principal produto que movimentava a economia dessa região era o charque. É com ele que a região mantinha relações comerciais com as demais regiões do país.

Com o passar do tempo, aproximando-se do final do século 19, quando a criação de gado entra em crise, as charqueadas demonstram sinais de declínio, o que contribui com a queda econômica da região; pois esta não apresenta diversidade em atividades econômicas e, ainda, mantinha muitos latifúndios improdutivos, o que resultou em uma decadência produtiva (CORONEL; ALVES; SILVA, 2007).

Neste contexto, temos o município de Pinheiro Machado (Figura 1), que, em sua história, assim como na de sua região, apresenta a característica de produção agropecuária, porém, em sua especificidade, tem-se a pecuária familiar, em especial na cultura de ovinos. Sua emancipação ocorreu em 1878, mas ainda não era denominada de Pinheiro Machado e, sim, de Cacicimbinhas; apenas em 1938 é que passa à categoria de cidade quando, então, vive seu auge no comércio (PREFEITURA DE PINHEIRO MACHADO, 2017).

Atualmente o município sofre com o envelhecimento rural, assim como seu esvaziamento, o que vem comprometendo as questões produtivas locais. A economia de Pinheiro Machado tem uma importante parcela vinculada à fábrica de cimentos pertencente à Multinacional Votorantim, porém está prestes a fechar as portas, o que, por sua vez, pode causar um impacto econômico bastante negativo no município. Sobre sua população, de acordo com o IBGE (2010), conta com 12.780 habitantes, sendo, destes, apenas 2.996 a população total rural.

Figura 1 – Mapa do Território Municipal de Pinheiro Machado – RS



Fonte: PREFEITURA DE PINHEIRO MACHADO (2017).

### SEU JOÃO<sup>3</sup> E AS PERCEPÇÕES HISTÓRICAS DO 1º DISTRITO DE PINHEIRO MACHADO

O agropecuarista familiar entrevistado do 1º Distrito de Pinheiro Machado – RS – foi seu João, residente na propriedade desde a época de seu pai. A região onde reside é conhecida como Espinilho. A terra tem um total de 130/ha, considerada, segundo Seu João, uma chácara pequena: *“Aqui é chácara, é pequeninha, tem 130 hectares; já foi maior, mas é que teve herdeiros; meu pai morreu, minha mãe morreu, meu pai já era casado antes, tinha outros herdeiros”*. A relação que seu João faz em considerar sua terra pequenina é fazendo uma leitura com os tempos mais antigos, em que as propriedades rurais eram grandes estâncias na região da metade sul do Estado do Rio Grande do Sul. Corroborando o relato histórico, Fialho (2005) observa que, quando os historiadores/pesquisadores se reportam à região sul-rio-grandense, logo vem à mente a imagem dos verdes campos infundáveis ocupados pelas estâncias de criação de gado.

<sup>3</sup> Os nomes dos entrevistados, por questões éticas, foram preservados e optou-se pela utilização de nomes fictícios.

Ao observar as terras da região e as propriedades vizinhas, seu João percebe que a maior parte são de criadores de gado. Em sua fala relata que as terras não são boas para trabalho com agricultura: *“você viram aqueles cerros monstros? Aquilo é só pedra, não dá pra plantar”*. Boa parte das terras que observamos na estrada são marcadas por estes morros, rochas espalhadas e solos rasos na maior parte da região, o que favorece o investimento e a aposta na criação de gado.

Figura 2 – Fachada da casa de Seu João; Vista para os campos da propriedade; Quintal da residência; Área de cultivo dos ovinos



Fonte: Pesquisa de campo, 2016.

Atualmente seu João fala sobre todos os municípios da região com a propriedade de quem os conhece bem. Isso remete a dois motivos: um primeiro que foi relembrando do tempo em que foi campeiro, e, por isso, conhece boa parte da zona rural da região. Em relação a esse aspecto, Fialho (2005) relata uma observação importante: este tipo de campeiro tradicional ficou no passado; algo próximo ainda se encontra exatamente no interior das estâncias do pampa rio-grandense<sup>4</sup>; um segundo motivo bem curioso é que quando quer saber onde fica um município ele vai e olha no mapa geográfico, e por isso explica o saber que ele tem em relação a quantos municípios há no Estado do Rio Grande do Sul. Esses saberes foram sendo adquiridos ao longo da vida, pois seu João, quando jovem, não chegou a frequentar a escola:

<sup>4</sup> Hoje pode-se afirmar, grosso modo, numa perspectiva temporal, consequentemente cultural, que se tem dois tipos sociais designados como gaúcho. O primeiro, espelho dos cultos tradicionalistas, produto do passado, foi constituído na vivência campeira do período colonial. O gaúcho amante da liberdade, a qual desfrutava sobre o dorso do cavalo, e que tinha no churrasco e no chimarrão os principais itens de sua dieta alimentar; o segundo, atual, refere-se ao indivíduo nascido no Estado do Rio Grande do Sul, portador de miscigenação que abarca largo grupo de etnias (FIALHO, 2005, p. 41).

---

*“[...] Tem muita coisa que eu não sei... já pra adiantar mais, a escola não me conheceu... tem muita coisa que a gente vai buscando, mas pra te dizer pontualmente sobre uma realidade certa eu não sei”.*

Todas as lembranças nas falas de seu João vêm carregadas de recordações do lugar de vida onde sua família viveu, bem como com uma relação bastante estreita com o trabalho, seja o de campeiro ou o na produção pecuária. Em alguns momentos traz muito forte a lembrança que, mesmo em terras não muito produtivas, se desenvolvia também trabalhos com a agricultura e relacionados às necessidades do momento de alimentação e outros utensílios:

Antigamente também, se comia o que se colhia, então, não precisava comprar sofá, não precisava comprar televisão, não precisava comprar geladeira... o máximo que se tinha era um rádio velho daqueles antigos; não existiam essas outras coisas... não tinha luz [há seis anos que tem luz na propriedade deles, somente], não tinha telefone, não tinha nada na área rural... e não tinha com que gastar... até pouco tempo charqueava a carne para conservar, fazer carreteiro com carne de ovelha.

Havia valorização do lugar não somente como um espaço de produção e de trabalho, mas um espaço de sociabilidade, onde se colhia o alimento da família e nos momentos das charqueadas encontravam os vizinhos e os familiares para prostrar e compartilhar o alimento de forma coletiva. Esses são elementos que nos apresentam o espaço rural como um modo de vida.

Na perspectiva de Wanderley (2001), o meio rural é um espaço dinâmico; supõe a existência de uma população que faça dele um lugar de vida e de trabalho e não apenas um campo de investimento ou uma reserva de valor. Assim, seu João mostra uma leveza e uma saudade quando relata esse antigo costume: reunir as pessoas para charquear e fazer carreteiro com carne de ovelha, o que era um costume antigo. Podemos, então, considerar, baseados em Thompson (1998), que o costume é a prática, ou seja, o costume é o que fazem as pessoas no seu cotidiano, sendo considerado bom, por isso passa a ser executado com frequência, tornando-se lei, formando o que se pode chamar de direito consuetudinário (baseado nos costumes da população), e, assim, todas as famílias na localidade seguiam e reproduziam esse costume.

Atualmente seu João cria animais para a produção de consumo familiar, porém numa escala bem menor que nos tempos antigos. Hoje cria, em média, 70 cabeças de bovinos e em torno de 200 ovinos. Para sua referência de grandes criações esse número que trabalha hoje é pequeno, contudo reconhece sua limitação de mão de obra e o avançar da idade, que não lhe dá mais tantas condições de trabalho como antes, e, para ele, isso já é muito: *“já é muito já, mas é o que eu tenho; a gente já tá aposentado, ganha um salário, mas serve, já ajuda pra quem toda vida sobreviveu de troco”.*

O trabalho no campo, no entanto, para seu João, tem uma forte ligação com seu modo de vida de pecuarista criador de animais. Esse modelo apresenta-se como uma forma social de produção, cujos fundamentos encontram-se no caráter familiar, tanto dos objetivos da atividade produtiva voltados para as necessidades da família, quanto do modo de organização do trabalho, que supõe a cooperação entre os seus membros. A ele corresponde, portanto, uma forma de viver e de trabalhar no campo que, mais do que um simples modo de produzir, direciona a um modo de vida e a uma cultura (WANDERLEY, 2014).

Nesse sentido, os antigos hábitos da família e do lugar de viver, sem energia elétrica, fazia as necessidades e os costumes serem outros, relacionados a uma construção social mais de troca e de interatividade entre as vizinhanças e familiares. Nesse aspecto, Vianna (1987) citado por Fialho (2005), relata que os habitantes dessa região da metade sul apresentam bem essa característica; o gaúcho é jovial porque é sociável e é sociável porque o pastoreio na savana – desenvolvendo os hábitos da cooperação e da solidariedade – é, de si mesmo, uma escola incomparável de sociabilidade:

O trabalho no campo, a lida com o gado, não é um trabalho individual, necessita de um grupo de homens para cercar os animais, para conduzir os animais ao destino, que trabalhem de forma coordenada e imbuídos do sentimento corporativo – cooperação; [...] trata-se do trabalho combinado, do trabalho conjugado, da solidariedade forçada no trabalho. [...] uma aprendizagem cotidiana da solidariedade e à prática de um regime obrigatório de cooperação (FIALHO, 2005, p. 55).

É dessa vida compartilhada que bate a saudade nos olhos de seu João; sua memória de quando as famílias eram maiores e de quando os trabalhos eram coletivos. Hoje todos estes aspectos mudaram, e a vida no campo tende para atividades mais individuais. Ainda, observa que os campos estão sendo tomados por plantações de eucaliptos; as grandes fazendas, na sua circunvizinhança, estão sendo divididas entre os herdeiros e, posteriormente, arrendadas para a indústria de celulose; esses fatores criam uma ponte de distância entre a vida do homem no campo e o seu modo de vida como cultura do lugar.

## SEU JOSÉ E SUAS OVELHAS PREMIADAS: UM OLHAR DO 3º DISTRITO

O outro agropecuário entrevistado é residente no 3º Distrito. Esse criador de ovelhas, que aqui trazemos para relatar sua história no local, reside há mais de 45 anos no mesmo lugar. O pecuarista familiar, que hoje mora apenas com sua esposa, relata que tudo o que foi feito em sua propriedade foi realizado por ele, desde a casa, as árvores plantadas, tudo... Ele relata que quando chegou era campo limpo, não tinha nada. Quando questionado de suas origens, explicou:

Sou criado na campanha, a 4 km daqui; nasci e me criei na serra das Asperezas. Sempre trabalhei no campo, desde guri; desde os 12 anos trabalho no campo. Com 12 anos já saí esquilhar pra fora e depois fazer lenha, cortar arroz; e construí minha vida trabalhando né! Sempre no rigor, no serviço rigoroso. Hoje só cuido do gado e das ovelhas porque não tenho mais condições de trabalhar com lavoura.

Ao se recordar do tempo em que ainda trabalhava na lavoura, de uma forma bastante saudosa, diz que plantava milho, trigo, aveia, azevém: *“plantava tudo, né, batata inglesa, amendoim; era planta de casa tudo, mas a maior quantidade era milho, né; milho e aveia”*. Em relação ao destino da produção, seu José diz que o milho era para o gado e também para venda: *“o que sobrava da propriedade eu vendia. E aveia se vendia, colhia 60-70 sacos de aveia”*. Segundo ele, o javali foi um motivador para que ele deixasse de trabalhar com lavoura, além da chegada da idade. Referindo-se à chegada dos javalis na região, relata:

Ele veio pela plantação de eucalipto, ele veio do Uruguai, e alguém trouxe eles pra iniciar, pra tentar caçar, pra fazer bonito; e assim ficou silvestre e hoje pra colher uma lavoura de milho só com cerca elétrica. Se não fizer um potreiro e tapar com cerca elétrica, três, quatro fios bem tapados, não colhe mais nada. Eles hoje estão atacando o rebanho e até os terneiros, até as vacas não parir, eles estão matando terneiro; têm bandos aí!

A presença dos javalis é vista com tristeza e resistência, algo que, como relatado por seu José, veio para divertimento com a prática da caça (nas estâncias do Uruguai) e acabaram atraídos pelas plantações de eucaliptos (como local de refúgio). Conseqüentemente, a partir da presença dos javalis, os hábitos e costumes dos moradores locais foram impelidos a um processo de adaptação a essa nova realidade.

Atualmente em sua propriedade tem criação de gado e ovelha. Seu José informou-nos que possui 80 ovelhas praticamente para o consumo. *“Eu vendia era carneiro, que é meu mercado, que eu produzia, mas hoje eu não tenho mais; estou só com três carneiros pra vender esse ano; me liquidaram as ovelhas. Eu comprei umas ovelhas ano retrasado em Erval e trouxe aí, e quando estava pegadinha da cria os caras me levaram as ovelha”*. Ao nos relatar que possui mais criação de gado, traz à tona outro problema presente na região: os roubos frequentes e recorrentes de rebanhos de ovinos. Essa prática tem transformado a vida dos produtores do município e é algo relatado por todos aqueles que visitamos

Hoje tá mais bovino, porque temos um segundo problema aqui que nos apareceu, que é o ladrão, né... Eu tinha uma cabanha registrada, está aí os troféus da minha cabanha, tudo ó... eu tinha uma cabanha de Corriedale registrada, tudo troféu de campeão em primeiro e prêmio, né, nas exposições da região; cada troféu desse é de campeão numa exposição. E esse ano passado eles me roubaram 65 animais, inclusive 40 da cabanha... muito difícil!

Visivelmente percebe-se uma necessidade de mudança no próprio modo de vida desses sujeitos por conta de fatores externos às suas vontades e costumes trazidos até o presente momento.

Figura 3 – Tesoura de tosa das ovelhas; Utensílios utilizados na propriedade ao longo do tempo; Quintal da residência; Prêmios da cabanha de Seu José



Fonte: Pesquisa de campo, 2016.

Seu José relata que na localidade, antigamente, era mais presente a produção de lavouras para o autoconsumo na área que abrange sua propriedade até Passo dos Machados. De acordo com ele, era povoada de praticamente pequenos produtores, e atualmente encontra-se quase que desabitada, pelo fato de os antigos moradores já estarem aposentados e terem migrado para a cidade.

Esse fato comprova-se, pois, ao percorrermos a área mencionada, pudemos perceber tanto na paisagem quanto no discurso daqueles (poucos) que encontramos nas residências que as propriedades, em sua grande maioria, são ocupadas em finais de semana como local de lazer, algumas inclusive nem mesmo pertencem mais aos antigos proprietários; tornaram-se sítio para os fins de semana, com pouca presença de produção agropecuária. Como observa Seu José, *“o pessoal foi pra cidade e abandonou a lavoura, e deixou o gadinho aí, e vem da cidade sábado e domingo, e repara, e se aposentaram. Só ficou uma meia dúzia de velho, os novos foram tudo embora”*.

Quando menciona sobre o fato de os jovens não permanecerem na localidade, relata sobre suas duas filhas que hoje não mais residem ali. Ambas concluíram cursos superiores na área da educação e atuam na profissão, e uma delas atualmente está cursando Mestrado. Seu José e sua esposa demonstram satisfação em relatar a formação das filhas, que seguiram os passos da mãe na profissão, que também foi professora em tempos passados, e que, por terem saído dali, conseguiram melhores condições de trabalho. Dona Joana expõe: *“sou formada em Licenciatura, trabalhei pelo Estado, e depois pelo município... trabalhei pelo Estado na Escola de Passo do Machado, que está quase pra fechar, não tem quase mais aluno e não dá pra viver na campanha sem salário”*. Um fato interessante é que ambas as filhas do casal são casadas com produtores rurais e mantêm vínculos afetivos com o meio rural, mesmo sendo em outras localidades e até mesmo na cidade.

Nesse sentido, considerando a realidade da família de seu José, fazemos uma reflexão acerca das questões de pertencimento e garantia da própria reprodução social da família. De acordo com Carvalho (2005), a família, como a expressão máxima da vida privada, é onde se constroem as expressões dos sentimentos, e, ainda, o local onde estão as relações íntimas necessárias para a socialização dos indivíduos. Dessa forma, o autor considera que *“assim desenvolvem o sentido de pertença a um campo relacional iniciador de relações includentes na própria vida em sociedade. É um campo e mediação imprescindível”* (CARVALHO, 2005, p. 271). Para o estudioso, é nessa esfera da vida íntima que se faz a construção da história de vida; é onde se dá o encontro humano; é o local onde se reproduzem os valores de exercício moral com a necessária interface com a esfera pública.

Na mesma perspectiva, Araújo (2013, p. 371) traz a discussão sobre a *“consciência de pertencer”* do indivíduo e afirma que ela *“tem seu início na responsabilidade com a comunidade em que o sujeito se encontra na medida em que, integrando a esta, em seus diversos âmbitos, se sente chamado a construí-la”*. *“Nesse sentido, a compreensão do viver ‘conscientemente’ a pertença refere-se ao fato objetivo de uma pessoa encontrar-se dentro de uma comunidade, receber dela uma formação e desempenhar determinadas funções”* (STEIN, 2003, p. 737 *apud* ARAÚJO, 2013, p. 369).

Dessa forma, de acordo com José de Souza Martins (2012, p. 111), nas famílias rurais o primado do trabalho representa o primado da família, pois é este que a reproduz, garantindo *“a ampliação da propriedade na extensão das necessidades de sobrevivência de todos os seus*

membros”. Ainda, conforme o autor, o empreendimento familiar é resultante do “familismo”, que é interligado à economia, porém salienta que, de forma primordial, não é esta última o fator principal de reprodução da unidade, elucidado pela expressão “família que trabalha”. Assim, é perceptível a descontinuidade dos processos de reprodução social naquela localidade, considerando essa família e seu entorno como objeto e sujeitos dessa análise.

No caso específico da família do seu José, por mais que dona Joana tenha exercido a profissão de professora, sempre esteve ativa em atividades vinculadas à propriedade, portanto fortalecendo essa compreensão em relação à família nesses contextos. Mencionamos, também, muito embora não seja escopo deste artigo, que os papéis de gênero em contextos rurais são bastante demarcados, tendo como marca uma cultura patriarcal, quando, culturalmente, cabe ao homem determinados afazeres, e o cuidado e a reprodução são demandados às mulheres.

## REFLEXÕES FINAIS

Este trabalho propôs-se a estudar as relações entre as paisagens e o discurso alocado em duas famílias pecuaristas residentes em dois distritos da zona rural do município de Pinheiro Machado – RS. Ouvimos os pecuaristas responsáveis pela produção em ambos os casos. Para tanto, fez-se necessário compreender a relação do sentimento de pertença destes ao lugar por meio da análise do comportamento, do discurso e das suas devidas interpretações com o espaço rural que habitam.

Com efeito, num contexto da região da metade sul do Estado do Rio Grande do Sul, em um lugar de tradições e costumes arraigados, sendo estes bastante expressivos nas falas, nas lembranças e nas comparações com referência sempre a um modelo de vida rural mais antigo, percebe-se em cada fazer, nos objetos e ferramentas guardados, nas ações de seus trabalhos e, principalmente, nas críticas ao atual modo de vida moderno, onde se tem uma intensa ligação com o urbano/rural e rural/urbano, um modo de vida pecuarista característico campeiro.

Para entender e compreender os costumes e tradições, partimos da concepção de Thompson (1998), que compreende o costume como uma forte ligação arraigada às realidades materiais e sociais da vida e do trabalho das pessoas, bem como Morris Ginsberg, que entende a tradição como a soma de todas as ideias, hábitos e costumes de um povo, e que estes sejam transmitidos de geração em geração. Foi a soma de hábitos que encontramos na tradição gaúcha campeira do criador de gado, a tradição peculiar da região de criação de ovelhas com destino para lã e carne, assim como o orgulho na fala de seu José de saber esquilar desde criança, e ainda guardar as mais antigas tesouras e ferramentas de seu trabalho que aprendeu com as gerações passadas.

Os relatos dos dois pecuaristas estudados nos dois distritos foram ilustrativos para a compreensão das relações que são construídas no lugar em que vivem e trabalham, bem como a relação de pertencimento que se tem enraizado com seu passado de vida. Voltar ao passado dessas famílias, por meio do método de escuta das falas, depoimentos, e observar as diferenças entre costumes e hábitos mais antigos e os atuais, foi de suma importância para explanar nosso objetivo inicial. Assim, indo até as raízes históricas do lugar de vida e dos modos de vida, podemos trazer uma maior aproximação da expressão do sentimento de pertencimento e da construção social existente.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, E. S. A produção da miséria na metade sul gaúcha a partir da apropriação privada dos fundos públicos. *Sociedade e Território*, Natal, v. 23, p. 21-36, 2011.
- ARAÚJO, Renata Amaral. Uma tradição viva, raízes para a alma: análise fenomenológica de experiências de pertencer em uma comunidade rural de Minas Gerais. In: MAHFOUD, Miguel; MASSIMI, Marina (org.). *Edith Stein e a psicologia: teoria e pesquisa*. 1. ed. Belo Horizonte: Artesã Editora, 2013. p. 359-380.
- BOURDIEU, P. *The state nobility*. Palo Alto, Califórnia, EUA: Stanford University Press, 1996.
- CÂNDIDO, A. *Os parceiros do Rio Bonito*: estudo sobre o caipira paulista e a formação dos seus meios de vida. 34. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2001.
- CARVALHO, Maria do Carmo Brant. Famílias e políticas públicas. In: ACOSTA, Ana Rojas; VITALE, Maria Amalia Faller (org.). *Família: redes, laços e políticas públicas*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005. p. 267-276.
- CLAVAL, P. As abordagens da geografia cultural. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (org.). *Explorações geográficas – percursos no fim do século*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. p. 89-117.
- CORONEL, D. A.; ALVES, Fabiano Dutra; SILVA, Mariangela Amaral e. Notas sobre o processo de desenvolvimento da Metade Sul e Norte do Estado do Rio Grande do Sul: uma abordagem comparativa. *Perspectiva Econômica*, São Leopoldo, RS (on-line), v. 3, n. 2, p. 27-43, 2007.
- FIALHO, Marco Antônio Verardi. *Rincões de pobreza e desenvolvimento*: interpretações sobre comportamento coletivo. 2005. 213 f. Tese (Doutorado em Sociologia Rural) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais – Universidade Federal do Rio de Janeiro, curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, 2005.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1998.
- GEERTZ, C. *Obras e vidas – o antropólogo como autor*. 3. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.
- GINSBERG, M. *Psicologia da sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1966.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2010. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=431450>. Acesso em: jan. 2017.
- LEFEBVRE, H. *Espacio y política: el derecho a la ciudad*, II. Barcelona: Ediciones Península, 1976.
- MACIEL, C. A. A. Morfologia da paisagem e imaginário geográfico: uma encruzilhada onto-gnoseológica. *GEO-graphia*, v. 3, 2001.
- MAUSS, M. Sociologia e antropologia. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. (Título original: Sociologie et anthropologie).
- MARTINS, José de Souza. *Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012. 190 p. V. 1.
- MOREIRA, E. V. O lugar como uma construção social. *Revista Formação*, Presidente Prudente, SP: Unesp, n. 14, v. 2, p. 48-60, 2007.
- PREFEITURA DE PINHEIRO MACHADO. Disponível em <http://www.pinheiomachado.rs.gov.br/historico>. Acesso em: jan. 2017.
- SANTOS, M. *Da totalidade ao lugar*. São Paulo: Edusp, 2005.
- SANTOS, M. O lugar: encontrando o futuro. *RUA – Revista de Urbanismo e Arquitetura*, São Paulo: USP, v. 4, n. 1, p. 1-20, jan./jun. 1996.
- SCHIER, R. A. Trajetórias do conceito de paisagem na geografia. *R. RA'E GA*, Curitiba: Editora UFPR, n. 7, p. 79-85, 2003.
- THOMPSON, E. P. *Costumes em comum – estudos sobre cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- WANDERLEY, M. N. A ruralidade no Brasil moderno. Por um pacto social pelo desenvolvimento rural. In: *¿Una nueva ruralidad en América Latina?* Norma Giarracca. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: Clacso, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2001. ISBN: 950-9231-58-4.
- WANDERLEY, M. N. O campesinato brasileiro: uma história de resistência. *Rev. Econ. Sociol. Rural*, Brasília, v. 52, supl. 1, 2014. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/rural/wanderley.pdf>